

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Imagens femininas das igrejas de Florianópolis refletidas no outro: a produção dos discursos sobre o corpo da mulher

Cristiane de Castro Ramos Abud*

Resumo: O objetivo deste texto é propor uma reflexão crítica, evidenciando os discursos produzidos pelas imagens femininas de vitrais e esculturas, de três igrejas de Florianópolis, demonstrando a memória, os vestígios, marcas destas imagens, materializadas nos corpos femininos, através das condutas, costumes, práticas, comportamentos das mulheres desta cidade. Atribuindo historicidade a estas imagens, enquanto discursos permeados por relações de poder e saber que constituem um certo tipo de corpo e imagem do feminino. Tomando o olhar como um problema, algo a ser desvelado, questionando como se constituiu aquilo que hoje se apresenta ao nosso olhar? Como essas imagens se apresentam e se refletem em nós? Qual o sentido do feminino para a salvação da alma, corpo e da própria sociedade? Evidenciando o caráter histórico e cultural do corpo construído, também, através de imagens religiosas femininas, produzindo uma genealogia do corpo, seja o nomeando, classificando, higienizando, purificando; no limite entre o sagrado e o profano.

Palavras-chave: Corpo – Imagem – Poder.

Subject: The objective of this text is to consider a critical reflection, evidencing the speeches produced for the feminine images of stained glasses and sculptures, of three Florianópolis' churches, demonstrating the memory, the vestiges, marks of these images, materialized in the feminine bodies, through the behaviors, customs, practical, women's behavior of this city. Attributing historical to these images, while speeches permeated for relations of power and to know that they constitute a certain type of body and image of the feminine one. Taking the look as a problem, something to be disclosed, questioning as if constituted what today it is presented to our look? How these images present and reflect in us? Which the direction of the feminine one for the salvation of the soul, body and of the proper society? Evidencing the historical and cultural character of the constructed body, also, through feminine religious images, producing a genealogy of the body, either nominating, classifying, being hygienic, purifying; in the limit between sacred and the profane one.

Keywords: Body - Image – Power.

É final de tarde e, após subir vários degraus da igreja feita com pedras em mosaico, ouve-se o ruído das portas em madeira maciça que se abrem para um longo corredor, coberto por um tapete vermelho. Ao fundo o olhar fixa a imagem de cristo crucificado, ao seu redor estão anjos, esculturas de santas vestidas com seus longos mantos, velas que iluminam o altar coberto com uma toalha branca, castiçais, a bíblia. Quando chega-se ao centro do

* Mestranda do curso de História, pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Formada em Pedagogia pela FACED-UFRGS.

corredor, cercado pelas cadeiras onde sentam os fiéis, o corpo é iluminado por longos raios coloridos de sol que refletem as imagens contidas nos vitrais do alto da igreja.

Vindas de todos os lados as imagens atravessam o corpo, o tornando imaterial, frágil, transparente, difuso; quase santo. Transformando-o em algo mais puro, divino e limpo, após o anúncio da frase: “Isto é o meu corpo, isto é o meu sangue.” Este corpo que, ao longo de sua história; desde que foi nomeado como tal, foi algo de imagens simbólicas e mitos religiosos, saberes e discursos que o constituíram como necessário à sociedade hegemônica e masculina.

A arte cristã sempre representou a imagem de Deus como um homem jovem, magro, branco, de olhos claros, com o tórax forte, e a de Maria, como uma mãe jovem, que não envelheceu, pele branca e macia, magra, cabelos pretos e longos, olhos claros. A Igreja, sabiamente, escolheu a imagem mais temida e poderosa para quem devemos respeito e adoração- nós mesmos. Estes discursos religiosos que, através de seus símbolos, produziram e legitimaram um tipo de sujeito social.

A Igreja sempre foi o marco referencial das cidades, realizando atividades de assistência social, festejos, auxílio a doentes e enfermos. Fortalecendo-se como aparato cultural de poder que ordenou espaços, sujeitos e comportamentos, ou seja:

A partir de sua estratégia de legitimação, tentou estabelecer critérios de normatização e de disciplinarização dos corpos ao veicular uma proposta de higienização social abalizada por uma discursividade médica que não ferisse os princípios da moral cristã e que fosse capaz de transitar pelas esferas das decisões públicas (SOUZA, 1998, p.06).

A busca incessante por um corpo e alma sã, perfeitos e ideais, exigiram vigilância, penitência de hábitos cotidianos- dietas, jejuns e limpezas espirituais e alimentares. Formando-se uma dietética sobre o corpo, com a proibição de banhos após as refeições, regimes alimentares, evacuações contra os excessos alimentares, descansos após o almoço. Um regime para se livrar de epidemias, como os “exercícios, as relações sexuais, os alimentos, as bebidas, os sonos- todos sendo medidos” (FOUCAULT, 1994, p.93).

Um corpo observado constantemente, seja pelos olhos da igreja ou da sociedade, para torná-lo dócil, aceitável e socializado. Imprimiu aparatos de poder para controlar, acobertar e silenciar o diferente, imoral, neste sentido:

O discurso religioso da oficialidade local falou insistentemente, tentando principalmente atravessar os corpos, perscrutando seus recantos mais íntimos, buscando controlar as suas possibilidades de transgredir; um corpo que

serviu de arcabouço para os debates que envolveram pontos que diziam respeito à conduta sexual dos indivíduos (CARVALHO, 2003, p.72).

Estas práticas de normatização e vigilância, podem ser evidenciadas a partir da década de 50, quando a Igreja Arquidiocesana de Florianópolis foi responsável pela administração de hospitais, hospícios, asilos, leprosários, instituição de ensino que produziram um determinado tipo de sujeito, consciência e verdades sobre si e os outros.

Um corpo carregado por inscrições, códigos, cicatrizes, condutas, marcas afirmadas, construídas e transformadas, através de relações de poder que definiram sujeitos e suas identidades. Identidades que transitam entre a imagem do Bem e do Mal, entre o sagrado e o profano. Figuras opostas, entre o ser Maria ou Eva, Santa ou Maria Madalena.

As igrejas analisadas que contêm essas imagens são:

- Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro (Catedral Metropolitana), localizada no centro da cidade, construída entre 1753 a 1773, com elementos de origem colonial, altares em estilo neoclássico, uma elaborada porta de madeira na capela de Nossa Senhora das Dores, vitrais que representam a “Fuga para o Egito” e de Nossa Senhora do Desterro-Padroeira da paróquia. Na parte superior da igreja, à esquerda, o grande vitral central é referente ao “Puríssimo Coração de Maria” ladeado pela Imaculada Conceição e a Encarnação do Verbo. A catedral é patrimônio histórico tombado pelo município e Estado.
- Igreja de Nossa Senhora do Rosário, também localizada no centro da cidade, foi fundada em 1750 por ex-escravos, pertencentes a irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Possui estilo barroco, na fachada principal alinham-se quatro janelas, porta e, cantaria de pedra, no interior da igreja há imagens de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Clara, entre outras. A irmandade realizava cursos de alfabetização, criou a associação em defesa da mulher carente.
- Igreja Santo Antônio, foi construída em 1921 pelos religiosos da Ordem Franciscana, com inspiração em modelos românticos, as janelas são alongadas em arco, com tradição medieval. Possui um jardim na entrada lateral da igreja, lembrando o claustro medieval.

No seu interior segue-se o modelo neo-romântico, com janelas altas, composta por vários vitrais que dão um luminosidade mística à todo o ambiente.

As imagens de corpos femininos dentro destas igrejas, como instituições investidas de poder, demonstram o papel de importância destes locais durante os séculos XVII e XVIII. O uso destas imagens insere-se aqui como instrumento de análise de si, como um texto a ser lido e que possibilita o mapeamento de um conjunto de representações e de subjetivação que são postos em prática pelos discursos sobre o corpo da mulher. Tornando o ver, o olhar como um problema, ou seja, indagando como se constituiu aquilo que hoje se apresenta ao nosso olhar?

Imagens, que, através das vestes que as cobrem dos pés ao pescoço; dando-lhes a impressão de levitarem, demonstram olhares de submissão, humildade, benevolência; gestos de acolhimentos ou súplica; espaços de pobreza; cores neutras nas suas vestes e rostos demonstrando votos de pureza, obediência e castidade.

As esculturas presentes nessas três igrejas de Florianópolis, são identificadas como do sexo feminino, apenas por algumas características físicas, como formato do rosto, cabelos, contorno do corpo, pois a silhueta das partes íntimas; como seios e nádegas não é evidenciada. São corpos magros, com cores claras; quase sem “vida”, mas angelicais e puras com um olhar doce.

Assim, a imagem de Maria representa o ideal de mulher forjado pela Igreja Católica e materializado nas atitudes e condutas das mulheres- submissão, fidelidade e obediência:

O próprio mito de criação cristão informa que a mulher é responsável por toda desgraça humana, que por ter dado ouvido à voz da serpente, todos os conflitos sociais- deste período até a contemporaneidade- existem em decorrência dela, por sua culpa: graças a este episódio, ela é obrigada a ser submissa ao homem, e eternamente pagar por sua dívida irremediável e milenar (LEMOS, 2006, p.2).

O mito da boa mãe, boa esposa e parideira que, freqüentemente, aparece nos finais de novela vinculados pela TV para as personagens puras e ingênuas. Este ideal de corpo, livre de pecados, impurezas, alimentos que, atualmente, leva muitas jovens a tornarem-se bulímicas ou anorexias, na busca pelo perfeito, belo, divino; noivas que reproduzem o manto de Maria ao vestirem véu e grinalda quando se casam.

Há, também, a imagem de Maria derrotando o pecado, ou controlando-o por algum tempo, como na escultura da Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde Maria aparece

pisando em uma cobra-a serpente, que está abaixo de seus pés. Não permitindo que a mordida, envenene ou penetre em seu corpo através de seu manto sagrado.

Algumas características são permanentes nas formas e cores das imagens femininas, como: vestimentas douradas simbolizando majestade e vitória; o branco presente no manto de Maria, significando vitória e purificação; o rosa presente em várias vestimentas, indica sabedoria; o castanho ou marrom, símbolo de humildade e o verde esperança. A admiração por Jesus Cristo é representada pelos gestos das mãos estendidas.

Imagens estas que evidenciam relações de poder e de gênero, na medida que produzem uma cultura, sujeitos e subjetividades, assim, “as cores, as formas, a luminosidade e as texturas deixam de ser inerentes para ganharem significados e sentidos diversos nesta interlocução.” (DA ROS, 2006, p.103). Um olhar que socialmente é educado, manipulado para um certo tipo de ver e sentir o corpo feminino.

Este corpo, portanto, mutável, provisório, inconstante, penetrável, explorado, reduzido a objeto de consumo histórico, cultural e ideológico. Ao mesmo tempo, padrões da sexualidade feminina são, inescapavelmente, “uma produção do poder dos homens para definir o que é necessário e o desejável- um poder historicamente enraizado” (WEEKS, 1999, p.56). Todos esses sentimentos, atitudes, valores, constituem o corpo feminino em um processo de fabricação do que é certo ou errado para a sexualidade feminina, seus discursos, valores, vontade, do que é tido e dito como “coisa de mulher” e é fabricado especificamente para este público em um processo de fertilização de seus corpo e mentes.

A realidade, portanto, é forjada através de práticas culturais, símbolos que atribuem significado e valor ao mundo dos homens. A imagem, enquanto meio de comunicação destes valores, é entendida aqui como fonte de evidência histórica para rever o passado, representando imaginários sociais e mentalidade coletivas. Imagens estas que devem ser decodificadas pelo historiador, analisando-se o contexto social ao qual se inserem e se tornaram marcantes e antagônicas, fazendo-as “falar” explorando as possibilidades interpretativas que elas nos oferecem.

Exercer a análise da imagem é decifrar sua aparente neutralidade e inocência, trazendo a tona suas contradições e intenções. Imagens que sempre perpassam o Belo e o Mal, transformando-se em estereótipos e práticas que manipulam e governam corpos, a moral e os costumes dos sujeitos, assim, pode-se :

Ter em mente que o sagrado e o profano não são propriedades das coisas, mas atitudes e significados atribuídos pelos homens diante das coisas, espaços, tempos,

ações. Significados tecidos em símbolos que respondem à necessidade do ser humano em viver num mundo que faça sentido (AQUINO, s.d., p 1).

Ao olhar para estas imagens femininas busco refletir sobre os discursos produzidos por elas, suas técnicas de subjetivação, disciplinamento e controle do corpo feminino. Tendo o olhar atravessado por relações de gênero que, abalam a aparente inocência e neutralidade das imagens artísticas femininas das igrejas, atribuindo-lhes sentido, história, conflitos, rupturas, permanências. Indagando se agora podemos vê-las da mesma maneira que antes? Em que medida as mulheres assumem estes discursos? O que estas imagens nos dizem ou nos permitem dizer? Para quem e como elas se refletem? Quais são seus efeitos nos corpos femininos?

Afinal de contas, o sujeito não existe, sendo efeito e potência dos discursos e símbolos da sociedade que o criou. Não pretendo cometer nenhum sacrilégio, mas apenas perguntar: O que há por baixo do manto de Maria?

Referências bibliográficas

AQUINO, Maurício. *A imagem e o vagão: o(s) sentido(s) dos símbolos na devoção de Nossa Senhora Aparecida do Vagão Queimado*. www.cfh.ufsc.br/~larc/projetos.htm. Artigo capturado em setembro/06.

BROWN, Dan. **Anjos e Demônios**. RJ: Sextante, 2004.

CARVALHO, Maristela Moreira. **As vontades de saber e as relações de poder na “pastoral da sexualidade” da arquidiocese de Florianópolis: continuidades e rupturas no discurso da oficialidade católica (1960-1980)**. Florianópolis, UFSC, 2003. Dissertação de Mestrado.

DA ROS, Silvana Zanata (org.). **Imagem: intervenção e pesquisa**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade. Vol2. O uso dos prazeres**. RJ: Graal, 1994.

LEMOS, Fernanda. A mulher como sujeito de sua própria história. **IHU On-Line. Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo, 2006, 5p.

SILVA, José Cipriano. **Igrejas-Grande Florianópolis**. Florianópolis, 2002

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira. **O corpo educado**. BH:Autêntica, 1999.

SOUZA, Rogério Luiz. Catolicismo e Projeto de Higienização em Santa Catarina (1945-1965). **Revista Fronteiras: Revista Catarinense de História: Florianópolis**, UFSC, v.6, p.41-51, 1998.